

O CHORO, A PRAÇA E A FEIRA: APROPRIAÇÕES DO TERRITÓRIO NO RIO DE JANEIRO

Pedro Silva

Mestrando em Jornalismo pelo PPGCOM/UERJ. Bacharel em Jornalismo pela UERJ. Pesquisa sobre a violência no jornalismo e apropriações musicais no século XXI. Licenciado em música pela UNIRIO. Pesquisa sobre o ensino da clarineta no Rio de Janeiro.

Resumo

Este artigo trata das disputas em torno dos modos de ocupação de uma praça pública na cidade do Rio de Janeiro. Parte de uma pesquisa inicial sobre a relação entre a música e o espaço urbano, a reflexão se concentra em dois eixos de análise, a partir de dois vetores de forças. O primeiro diz respeito às disputas concretas entre dois grupos de choro, uma de artesanato e gastronomia e os moradores locais. O segundo gira em torno das disputas simbólicas pelo batismo da praça, para a qual se cogitaram vários nomes. Portanto, o artigo procura equacionar em que medida um campo de disputa interpela o outro e influencia nas ações dos múltiplos agentes envolvidos. O objetivo é contribuir para o entendimento das diferentes formas de apropriação cultural e política do tecido urbano, a partir da análise das discussões em redes sociais e através de órgãos públicos.

Palavras-chave: Comunicação; Territorialidade, Música Urbana, Choro, Rio de Janeiro

Resumen

Este artículo se ocupa de las controversias sobre los modos de ocupación de una plaza pública en la ciudad de Rio de Janeiro. Parte de la investigación inicial sobre la relación entre la música y el espacio urbano, la reflexión se centra en dos líneas de análisis, a partir de dos vectores de fuerzas. La primera se refiere a los conflictos concretos entre dos grupos de llanto, una de artesanía y gastronomía y locales. La segunda gira en torno a las disputas simbólicas por el bautismo de la plaza, a la que flotaban varios nombres. Por lo tanto, este artículo pretende equiparar en qué medida un campo de disputa desafía al otro e influir en las acciones de múltiples agentes implicados. El objetivo es contribuir a la comprensión de las diferentes formas de apropiación cultural y política de la trama urbana, a través del análisis de las discusiones en las redes sociales ya través de las agencias públicas.

Palabras clave: Comunicación; territorialidad; Choro; Rio de Janeiro

Abstract

On the year of 2013, between February and May, musicians that usually play choro in the square of the General Glicerio Street in Laranjeiras, Rio de Janeiro, initiated one public petition to rename the place as Pixinguinha Square – Pixinguinha was one of the most famous Chorinho musicians of Brazil. A group of inhabitants of the place disliked the proposition. This article aim to investigate throws the discussions between musicians and inhabitants how different forms of political and cultural appropriation occur in the city of Rio de Janeiro.

Keywords: Choro; Territoriality; Urban Music; Rio de Janeiro

O choro é um estilo musical nascido na cidade do Rio de Janeiro. Basicamente instrumental, trata-se de uma junção de várias danças populares do início do século XX, como a polca, o tango, o maxixe e a mazurca. Influenciado pelo samba, vem sendo resgatado como movimento cultural desde meados da década de 1980. Inicialmente caracterizado pela formação de rodas na rua, o estilo vem retomando este caminho com a presença de algumas rodas aos finais de semana na cidade do Rio de Janeiro, entre as quais se destacam a da feira da Rua General Glicério, em Laranjeiras, aos sábados à tarde, a da Praça São Salvador, no Flamengo, aos domingos e a roda quinzenal de choro que ocorre na Praça Ramos Figueira, em Olaria.

Na Rua General Glicério, no bairro das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, se solidificou ao longo dos últimos quinze anos um movimento musical de apresentações gratuitas de grupos de chorinho ao ar livre. O evento ocorria aos sábados em simultâneo com a feira livre do bairro no mesmo local. A ideia partiu de um grupo de músicos residentes no bairro, como o saxofonista Marcelo Bernardes e a cavaquinista Inês Perdigão, que criaram o conjunto Choro na Feira. Em torno das apresentações dos músicos, cresceu uma feira artesanal. O local passou a ser frequentados por moradores, cidadãos de outros bairros, turistas estrangeiros e virou tema de um documentário lançado pela TV Cultura de São Paulo em 2008. No primeiro semestre de 2011, por motivo não esclarecido, o grupo Choro na Feira deixou de se apresentar no local. Ainda em 2011, em dezembro, com a diminuição na circulação de pessoas no local, os comerciantes da feira artesanal e gastronômica fizeram um convite ao grupo Pixin-Bodega para que assumisse o lugar do grupo anterior. Desde então, a tradição do choro é mantida na praça que envolve a feira da Rua General Glicério.

Como integrante do grupo Pixin-Bodega, estive presente na praça como músico desde a retomada do chorinho ao final de 2011. Este artigo é fruto de observações in loco feitas durante todos os sábados em que o grupo se apresentou desde então. Ao longo destes dois últimos anos (2011-2013), o grupo vivenciou diferentes disputas em torno dos jogos de ocupação da praça, além de um intenso debate virtual sobre a questão.

Em julho de 2012, a Prefeitura do Rio decidiu encerrar a chamada feirinha cultural da Rua General Glicério. Em contrapartida, uma página no Facebook foi criada com o nome “Pela permanência do choro e da feira de artesanato da General Glicério”. Foram feitos protestos nas redes sociais e um abaixo-assinado contra a determinação da Secretaria de Ordem Pública.

De acordo com a vereadora Leila do Flamengo, que coordenava a 4ª Região Administrativa à época, a decisão inicial de acabar com a feira foi motivada por reclamações de moradores, que criticavam principalmente “o excesso de bagunça, barulho e sujeira” em decorrência da feira. Somente após a notificação da prefeitura aos feirantes é que houve uma negociação e, finalmente, um acordo. Nas negociações, a roda de choro acabou liberada.¹



Figura 1 – O grupo Pixin-Bodega se apresentando na Feira de Rua General Glicério aos sábados. Fotos Marcelo Neves Rodrigues e Acervo do Grupo Pixin-Bodega; Março de 2012.



Figura 2 - O grupo Pixin-Bodega se apresentando na Feira de Rua General Glicério aos sábados. Acervo do Grupo Pixin-Bodega. Julho de 2012.

A polêmica sobre o nome da Praça

Em fevereiro de 2012, um dos integrantes do grupo de choro Pixin-Bodega, o percussionista e arquiteto Lauro Mesquita observou que no meio da Praça em que ocorria o encontro semanal de chorinho estava uma placa de bronze da Prefeitura que nomeava o local de “Ilha Central da Rua General Glicério”. Datada de 1995, a placa e o referido nome da praça não faziam jus à toda efervescência cultural que circundava o local. Além do grupo de choro, lá se apresentavam no carnaval um bloco infantil, o Gigantes da Lira, e um bloco de samba, o Laranjada. O grupo Pixin-Bodega então iniciou um movimento para renomear o local como Praça Pixinguinha. Um abaixo-assinado com 291 assinaturas de moradores e frequentadores da Praça foi coletado e o vereador Paulo Messina (PV) encampou a ideia que contou com apoio do também vereador Eliomar Coelho (PSOL). A movimentação ganhou destaque na coluna “Gente Boa” do jornalista Joaquim Ferreira dos Santos em *O Globo* com a nota:

Frequentadores da roda de chorinho que há quase 20 anos se reúnem aos sábados na praça da Rua General Glicério, em Laranjeiras, lançaram abaixo-assinado pedindo à prefeitura que dê o nome de “Praça Pixinguinha” ao espaço. Oficialmente ele atende por “Ilha Central da Rua General Glicério” “Este nome não faz justiça ao charme nem à tradição musical da praça”, diz o músico Lauro Mesquita” (*O Globo, Segundo Caderno, 04 / 03 / 2013*)

O movimento, porém, não alcançou o devido sucesso por dois motivos. Já existia um logradouro, no caso uma rua, em homenagem a Pixinguinha no bairro de Olaria, e a legislação municipal proíbe que qualquer pessoa seja homenageada mais de uma vez com o batismo de uma rua ou praça na Cidade do Rio de Janeiro. Outra causa do insucesso da iniciativa foi um movimento de moradores iniciados na rede social Facebook condenando a iniciativa do grupo e solicitando a mudança do nome para Praça Aliança.

Por ter albergado em seus limites a Companhia de Fiações e Tecidos Aliança, maior fábrica de tecidos do Brasil no fim do séc. XIX, a Rua General Glicério até poucas décadas atrás chamava-se Rua Aliança.

Por fim descobriu-se que o nome registrado nos Correios é Jardim Laranjeiras, apesar de na Riotur, a secretaria de Turismo do Rio de Janeiro, constar o nome Praça Aliança.

Havia portanto, três nomes possíveis em disputa para a substituição do nome Ilha Central da Rua General Glicério: Pixinguinha, por iniciativa dos músicos do grupo Pixin-Bodega; Praça Aliança, por sugestão de um grupo de moradores que preferia uma alcunha que se relacionasse

com a história do local; e finalmente Jardim Laranjeiras, que surgiu como um nome defendido por um outro grupo de moradores.

O nome Jardim Laranjeiras deriva também da história do local. Com o fim da fábrica, em 1938, o terreno antes por ela ocupado passou a receber um conjunto de edifícios de apartamentos - denominado Jardim Laranjeiras -, erguido pelo seu último dono, o industrial Severino Pereira da Silva. Orgulhoso pernambucano, Severino deu aos elegantes prédios que ergueu na via nomes evocando localidades de seu estado natal, como Pajeú, Triunfo e Garanhuns. Separados por belíssimos jardins da linda calçada trabalhada, esses prédios - verdadeiras joias tombadas da arquitetura dos anos 40/50 -formam um dos conjuntos de edifícios mais charmosos da cidade.

Entre o período de três meses entre a proposta do grupo Pixin-Bodega (fevereiro de 2013) e a decisão de manutenção do nome Jardim das Laranjeiras (maio de 2013), os moradores e comerciantes da região, através da página no Facebook “Praça Jardim das Laranjeiras e ruas em seu entorno”, travaram acaloradas discussões sem o conhecimento dos músicos. Intitulado “Movimento dos Moradores e Comerciantes da Praça Jardim Laranjeiras e ruas em seu entorno”, criaram a comunidade contra “a iniciativa de alguns músicos e frequentadores do *chorinho da feira-livre (sic)*”, segundo descrição da página do grupo no FACEBOOK. Entre as pautas estavam condenações à participação de vereadores no processo e a um suposto desrespeito à tradição original do local. Uma comissão provisória formada pelo grupo era composta por três moradores e quatro comerciantes da região, incluindo donos de bares, salões de cabelereiro e cafés. Alguns *posts* da página durante o turbulento período:

“Você que é contra a mudança o nome da Praça Jardim Laranjeiras, junte-se a nós nesse movimento!!!”

“Pessoal, não basta curtir, tem que fazer parte da comunidade. Ajudem a divulgar entre os amigos e vizinhos. Essa praça tem nome, essa praça tem historia. O nome dela é JARDIM LARANJEIRAS.”

“No sabado, assaltaram a Farmacia e o Maia Café. E estão preocupados em mudar nome de praça. Queremos segurança e area de lazer para os MORADORES do JARDIM LARANJEIRAS.”

“Assaltos de rotina! Há mais de década que eu escuto periodicamente que a farmácia foi assaltada! Policiamento? Nao há! Vira e mexe também rola assalto à morador, mas chamar a praça de pixinguinha que é o que preocupa! Vamos preservar a história do nosso bairro! Já existe uma praça no centro do rj que homenageia o ilustre Pixinguinha, tem até uma estátua! Nosso bairro tem historia!”

“MUDAR O NOME PRA QUE? A QUEM INTERESSA ESSA MUDANÇA ABSURDA?”

“Prezado Vereador Paulo Messina o LOGRADOURO PÚBLICO INOMINADO é chamada pelos Correios por Jardim Laranjeiras!!!! CEP: 22.245-130!”

“GENTE, VAMOS IMPEDIR QUE TRANSFORMEM A NOSSA PRAÇA JARDIM LARANJEIRAS EM QUINTAL DA CASA DA MÃE JOANA. A MAIORIA DOS MORADORES E COMERCIANTES DESCONHECIAM ESSA INICIATIVA ABSURDA QUE QUEREM NOS ENFIAR GOELA ABAIXO.

VAMOS NOS MOBILIZAR, AJUDE A DIVULGAR AQUI NO FACEBOOK E REDES SOCIAIS, FALE COM O SEU VIZINHO, PARTICIPE DO NOSSO MOVIMENTO, OPINANDO E SUGERINDO,acesse: <https://www.facebook.com/PracaJardimLaranjeiras>”

“TROCA DA PLACA DA PRAÇA JARDIM LARANJEIRAS Informamos, conforme tratativas do MOVIMENTO DOS MORADORES E COMERCIANTES DA PRAÇA JARDIM LARANJEIRAS com autoridades da PREFEITURA DO MUNICIPIO DO RIO DE JANEIRO, será efetuada, em data a ser divulgada brevemente, solenidade de troca da placa que está fixada no centro da Praça Jardim Laranjeiras, com a inclusão do

nome correto da praça - PRAÇA JARDIM LARANJEIRAS.”



**ESSA
PRAÇA
TEM
NOME
PRAÇA
JARDIM
LARANJEIRAS
FAZ PARTE DA
HISTÓRIA E CULTURA
DO LOCAL.**



**ESSE
NOME
É
IMUTÁVEL**

FACEBOOK, Praça Jardim Laranjeiras e Ruas em seu entorno, maio de 2013

O grupo, ao saber da movimentação contrária dos moradores, abdicou da iniciativa por entender que os moradores tem prioridade sobre o local, pois usufruem da praça diariamente. Entendendo que a história da localidade tem supremacia sobre a tradição do chorinho, o Pixin-Bodega emitiu uma nota esclarecendo a questão (ANEXO I), no que foi devidamente respondido pelos moradores (ANEXO II) chegando então ambas as partes a um consenso sobre a questão.

Territorialidade, apropriação e música

Rogério Haesbert (2004) entende que o território enquanto espaço-tempo vivido é sempre múltiplo, “diverso e complexo”, diferentemente da lógica moderna, racional e dicotômica do poder público que estabelece claramente nomeações e arbitra o legalizado e o não-legalizado. Na urbe, este processo mosaico se aprofunda com diferentes correntes sociais e culturais, se apropriando do espaço.

No caso da feira cultural de Laranjeiras, duas correntes maiores se sobressaíram: os

músicos, em defesa da tradição do choro e os moradores, em defesa da história própria, nativa do local. Em um movimento singular, parte dos moradores se postou como se a sua localidade estivesse sendo roubada por forasteiros. Recorrendo ao conceito de “territorialidades sônicas” (HERSCHMANN, FERNANDES, 2011), o problema não estava na cartografia distinta que a música, no caso, o choro, fazia deste espaço. O conflito foi gerado quando a cartografia imaginada tentou inferir na cartografia oficial. A transposição deste evento social e cultural para um evento político encontrou a resistência dos moradores. O chorinho é frequentado em grande parte por moradores da região. Há dois curtas-metragens, *Choro na Feira* e *A Praia de Laranjeiras*, que demonstram claramente a apropriação do fenômeno do chorinho pelos residentes de Laranjeiras. Porém o jogo político da nomeação do espaço em que residem gerou o conflito. Mais interessante é que o residente temporário, semanal – os músicos de choro – abriam mão dos seus projetos em nome da legitimidade do residente oficial – o grupo dos moradores descontentes com a iniciativa.

A apropriação do choro como elemento representativo do bairro das Laranjeiras permaneceu limitada à sua dimensão cultural. A história de formação do local – a vila operária e o posterior conjunto habitacional – apresentaram, na visão de um grupo de moradores, uma legitimidade superior. O que não quer dizer que esta fora uma decisão unânime dos moradores. O abaixo-assinado coletado pelo Pixim-Bodega contava com quase trezentas assinaturas. Difícil pensar que se tratasse exclusivamente de visitantes do bairro. A realidade e o conceito do território urbano, apesar de estar reconhecido por uma singular égide – Praça Jardim Laranjeiras – transparecem um jogo de múltiplas representações artísticas e demandas sociais.

Conforme definido por Cíntia Fernandes (2012) em seu artigo sobre o Samba da Rua do Ouvidor e o grupo Nova Lapa Jazz, há uma “força da “cultura de rua” própria da cidade do Rio”:

A ocupação desses espaços pelos bares, restaurantes, livrarias, galerias e músicos conduz um processo de sociabilidade em que a experiência musical, especificamente o samba, o choro e atualmente o jazz, é o leitmotiv da dinâmica dos lugares em que é praticada. Ou seja, há um processo de sociabilidade que emerge do compartilhar de uma experiência sonora presencial, que por sua vez gesta um ethos do lugar, uma estética e um modo de ocupar próprios, diferenciando-os de outros lugares da cidade, desenhando novas territorialidades. (FERNANDES, 2012, p. 10)

Para o cronista João do Rio (FERNANDES, 2011), a rua seria o local onde a urbe e o seu habitante se encontram e se reconhecem como tal. Não nego aqui a existência da sociabilidade que, advinda do lugar comum da música e seu ouvinte geram um *ethos* deste lugar. Porém ele não é único e nem o mais representativo. Uma possível explicação do fenômeno que se deu na Rua General Glicério pode estar na forma como Rogério Haesbert vê a apropriação dos territórios na contemporaneidade:

Mais importante, contudo, do que esta caracterização genérica e aparentemente dicotômica, é fundamental perceber a historicidade do território, sua variação conforme o contexto histórico e geográfico. Os objetivos dos processos de territorialização, ou seja, de dominação e de apropriação do espaço, variam muito ao longo do tempo e dos espaços. Assim, as sociedades tradicionais conjugavam a construção material (“funcional”) do território como abrigo e base de “recursos” com uma profunda identificação que recheava o espaço de referentes simbólicos fundamentais à manutenção de sua cultura. Já na sociedade “disciplinar” moderna (até por volta do século XIX) vigorava a funcionalidade de um “enclausuramento disciplinar” individualizante através do espaço – não dissociada, é claro, da construção da identidade (individual, mais do que de grupo).

Mais recentemente, nas sociedades “de controle” ou “pós-modernas” vigora o controle da mobilidade, dos fluxos (redes) e, conseqüentemente, das conexões – o território passa então, gradativamente, de um território mais “zonal” ou de controle de áreas para um “território-rede” ou de controle de redes. Aí, o movimento ou a mobilidade passa a ser um elemento fundamental na construção do território. (HAESBERT, 2004, p. 20)

A funcionalidade do espaço estaria atrelada ao choro e ao lazer – a preocupação para que exista um grupo de choro na Praça é uma demonstração desta demanda e do direito social ao lazer. Mas o choque se deu entre a característica zonal, histórica dos moradores da praça e a dinâmica móvel que mobiliza frequentadores dos mais diversos lugares em direção ao chorinho de Laranjeiras. Presente a esfera oficial de poder, uma rede de gostos comuns tem representatividade menor do que uma raiz histórica.

Processos de apropriação do espaço público são comuns nas grandes cidades brasileiras. Grupos sociais distintos se apropriam de uma espacialidade fragmentando-a e caracterizando com suas particularidades. No caso da Rua General Glicério, este fenômeno se deu através da música regional, do artesanato e da gastronomia. Inicialmente, o espaço público é uma área de ampla acessibilidade – qualquer pessoa pode fazer usufruto da praça desde que não rompa a legislação vigente e o código de conduta social corrente. O choro redefiniu a forma de utilização da praça de uma área de passagem para um local de apreciação musical. Esta apropriação festiva se aproxima do fenômeno que Maffesoli (1998) chamou de “tribos urbanas”. O efeito do estabelecimento de uma tribo urbana em determinado local pode gerar para alguns autores como Gomes (2002), um “recuo da cidadania provocado pela fragmentação do espaço público” (SOUZA, 2010, p. 50).

Demonstrando a característica fluida dos movimentos urbanos, as redes sociais, que em julho de 2011 se mobilizaram a favor da representatividade do choro com a praça, demonstraram um movimento de recuo quando se deu a apropriação do nome do local por este estilo musical característico. Talvez, ao longo dos anos, esta presença formal do choro como elemento representativo da Rua General Glicério se solidifique. Pierre Bourdieu (1997, p. 86) define como capital cultural, os conhecimentos, estilos e habilidades condicionadas pelos meios familiares. Estendendo este conceito para o microcosmo da Rua General Glicério é factível imaginarmos que se sedimente entre as próximas gerações daquele lugar, a presença do choro como elemento formador de sua origem. O capital cultural poderia ser adquirido por três formas entre as quais o Estado Incorporado:

Estado Incorporado: que constitui no patrimônio alcançado e interiorizado no organismo e que exige tempo e submissão a um processo de assimilação e interiorização do indivíduo. (...) A teoria de Pierre Bourdieu de “Capital Cultural” prevê a aquisição da cultura por meio de manifestação e “habitus” proporcionados pela família e sociedade. (SOUZA, 2012, p. 30)

Trabalhando outro conceito de Bordieu, o *habitus* - formas de perceber o mundo que guiam as ações dos indivíduos – podemos conceber que esta polêmica em relação ao nome da praça torne-se datada ao longo dos anos. Afinal, tal afirma Cherques (2006):

Os *habitus* são adquiridos pela interação das estruturas sociais, durante a vida do indivíduo e na relação do mesmo com o coletivo (família, escola e meios de comunicação) – é o resultado de um processo de aprendizagem que já é automática, “natural” (CHERQUES, apud SOUZA, 2012, p. 40).

A apropriação do nome da praça pelo fenômeno do choro romperia o confronto com a tradição original e se estabeleceria de forma “natural”, algo que não ocorreu no caso descrito por este artigo.

Considerações finais

O choro ao longo de uma prática pouco mais de dez anos, o grupo Choro na feira estabeleceu-se inicialmente no ano 2000, se consolidou como uma nova tradição na praça da Rua General Glicério, capaz de “rivalizar” com elementos tradicionais do local em uma disputa informal pela nomeação oficial do lugar. Segundo o compositor Murray Schafer, que “paisagem sonora (soundscape no original) é um som ou uma combinação de sons vem ou surge de um ambiente imersivo.(TERCEIRO, 2013)”

Ele indica três elementos principais na paisagem sonora: sons fundamentais, sinais e marcas sonoras. Estes três elementos são definidos por Schafer da seguinte forma:

Os sons fundamentais de uma paisagem são os sons criados por sua geografia e clima: água, vento, planícies, pássaros, insetos e animais. Muitos desses sons podem encerrar um significado arquétipo, isto é, podem ter-se imprimido tão profundamente nas pessoas que os ouvem que a vida sem eles seria sentida como um claro empobrecimento. Podem mesmo afetar o comportamento e o estilo de vida de uma sociedade. Os sinais são sons destacados, ouvidos conscientemente. Qualquer som pode ser ouvido conscientemente e, desse modo, qualquer som pode tornar-se uma figura ou sinal. Não raro os sinais sonoros podem ser organizados dentro de códigos bastante elaborados, que permitem mensagens de considerável complexidade a serem transmitidas àqueles que podem interpretá-las. É o caso, por exemplo, da *cor de chasse* (trompa de caça), ou dos apitos de trem ou navio. O termo marca sonora deriva de marco e se refere a um som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele lugar. Uma vez identificada a marca sonora, é necessário protegê-la porquê as marcas sonoras tornam única a vida acústica da comunidade². (SCHAFER, 2011)

O choro está se solidificando como uma marca sonora da Rua General Glicério. Sua permanência foi defendida frente a prefeitura em 2012 e sua representatividade para o local foi definida na disputa pelo nome da praça. A roda de choro por sua capacidade de agrupar a comunidade de moradores, músicos e ouvintes na praça aos sábados torna-se uma característica da vida cultural da rua e elemento singular daquele território.



Referências bibliográficas

- BOURDIEU, P. *Capital Cultural, Escuela y Espacio Social*. México: Siglo Veinteuno, 1997.
- CHERQUES, Hermano Roberto Thiry. *Pierre Bordieu: a teoria na prática*. RAP Rio de Janeiro 40(1), Jan./Fev. 2006. pp 27 – 55.
- CRAVO ALBIN, R. *Dicionário de Música Popular Brasileira. Verbetes: O Choro*. Disponível em <http://www.dicionariompb.com.br/>. Acessado em 13/10/2013.
- FERNANDES, Cíntia S. *Música e sociabilidade: o samba choro nas ruas-galerias do centro do Rio de Janeiro*. In: HERSCHMANN, Micael (Org.). *Nas bordas e fora do mainstream musical: novas tendências da música independente no início do século XXI*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.
- GOMES, Paulo César da Costa. *A Condição Urbana: Ensaio de Geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002
- MAFFESOLI, Michel. *O Tempo da Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998
- HAESBAERT, Rogério; _ *Dos múltiplos territórios a territorialidade*, Porto Alegre,. Observatório Jovem. UFF. Setembro de 2004.
- SOUZA, Felipe Silveira de. *Entre a praça e a escola: analisando processos de apropriação espacial através de uma abordagem complexa*. Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 23, n. 2, jul./dez. 2010
- SCHAFER, R. Murray. *A Afinação do Mundo*. 2.ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 26-27
- SOUZA, Grazielle Mariana Louzada de. “*De nova cara o velho choro*” - Choro na contemporaneidade: perspectivas artísticas, sociais e educacionais. Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, 2012.
- TERCEIRO, Fernando. *Paisagem Sonora: uma brevíssima introdução*. Disponível em Music of our Universe. <http://musicofouruniverse.blogspot.com.br/2013/05/paisagem-sonora-uma-breve-introducao.html>. Acessado em 20/10/2013.
- O GLOBO, Joaquim Ferreira dos Santos, Coluna Gente Boa, Segunda-Feira, 04 / 03/ 2013

Wegrafia

- <http://www.cariocacult.com.br/2011/07/nasce-uma-nova-feira-cultural-no-rio-de.html>. Acessado em julho de 2013.
- <https://www.facebook.com/PracaJardimLaranjeiras>. Acessado em outubro de 2013.
- <https://www.facebook.com/pages/Pela-permanencia-da-feira-cultural-da-General-Glicerio>. Acessado em outubro de 2013

Materiais audiovisuais

- Choro na Feira*. Documentário TV Cultura
- Praia de Laranjeiras*. Documentário. Direção, Olivia Buarque

Notas

¹ Além de iniciativas de caráter popular e democrático incentivadas por músicos adeptos do estilo musical, o ²choro vem sendo apropriado pelo poder público como ferramenta de divulgação cultural. No dia 23 de abril, é comemorado oficialmente na cidade do Rio o Dia Nacional do Choro, em homenagem ao nascimento de Pixinguinha. A data foi criada oficialmente em 4 de setembro de 2000, quando foi sancionada lei originada por iniciativa do bandolinista Hamilton de Holanda e seus alunos da *Escola de Choro* Raphael Rabello. No Rio de Janeiro, parte da Central do Brasil em direção ao subúrbio da Leopoldina o Trem do Choro, aonde músicos tocam clássicos do chorinho nos vagões. Iniciativa similar ocorre no Dia Nacional do Samba em que um trem parte recheado de músicos e público da Estação Pedro II até o bairro de Oswaldo Cruz.

ANEXO I
O GRUPO PIXIN-BODEGA ESCLARECE:

Prezados moradores, frequentadores, comerciantes e a quem mais possa interessar. Diante da repercussão do movimento para a mudança do nome da praça da Rua General Glicério para Praça Pixinguinha, vimos esclarecer:

1 – A iniciativa surgiu a partir do momento que se percebeu uma placa, datada de 1995, que faz referência a uma reforma da Ilha Central da Rua General Glicério;

2 – Em função da tradição musical da praça aos sábados, iniciada pelo grupo Choro na Feira, o grupo Pixin-Bodega que mantém essa tradição desde dezembro de 2010, assumiu a iniciativa de propor a troca do nome para Pixinguinha;

3 – Foi feito um abaixo-assinado que angariou 291 assinaturas dos frequentadores do choro aos sábados. O movimento sempre foi suprapartidário;

4 – Fomos procurados por alguns assessores de vereadores que propunham ajudar o movimento. Não descartamos e nem impedimos qualquer iniciativa;

5 – Semanas depois de iniciado o movimento, fomos informados por assessor do vereador Paulo Messina que o mesmo tinha proposto um projeto de lei com a mudança do nome da praça para Pixinguinha;

6 – Um participante do grupo que trabalha para a Prefeitura recebeu a informação de que não era possível a mudança pelo fato de já haver um logradouro com o nome Pixinguinha;

7 – Todos os sábados o grupo divulga o andamento do assunto e sempre reafirma o caráter suprapartidário do movimento;

8 – Recentemente tomou-se conhecimento de manifestação contrária à troca do nome por uma referência ao chorinho, sugerindo alternativa que remetem à história do lugar, surgido a partir da fábrica de tecidos Alliança;

9 – O grupo entende que todos os interessados devem se manifestar, e em particular os moradores, que convivem diariamente com o espaço em tela;

10 - Diante da questão, que envolve história e tradição, o grupo Pixin-Bodega se manifesta pela rediscussão do tema, de modo que qualquer proposição venha acompanhada de legitimidade adquirida pela discussão e manifestação de todos os interessados e, como já dito anteriormente, principalmente pelos moradores.

11 - Reconhecendo que o choro pode ser a manifestação artística mais rotineira, mas que não é a única que ali se realiza, reiteramos nossa expectativa de uma proposta que tenha como resultante uma praça com um nome mais significativo do que Ilha Central.

Por fim, apesar de toda celeuma, o Pixin-Bodega se orgulha de manter o choro na praça aos sábados, participando e mantendo a tradição, junto com os artesãos e comerciantes, da Feirinha Cultural da Rua General Glicério.



Figura 3 – Placa na Praça da Rua General Glicério com o nome Ilha Central

ANEXO II

MOVIMENTO DOS MORADORES E COMERCIANTES DA PRAÇA JARDIM LARANJEIRAS

Com a nota divulgada (22.05.2013) pelo Grupo de choro Pixin-Bodega, nome que faz alusão ao músico Pixinguinha, fica esclarecido que partiu dos músicos que compõe o Grupo e tocam há 3(três)anos na feira da rua General Glicério, o interesse e a iniciativa de propor a mudança do nome da praça para Pixinguinha.

Como a praça tem nome, PRAÇA JARDIM LARANJEIRAS, e já existe logradouro na cidade do Rio de Janeiro homenageando Pixinguinha, o Movimento dos Moradores e Comerciantes espera contar com a participação e iniciativa dos músicos e freqüentadores do chorinho objetivando melhorias na própria praça e de outros que atendam os anseios da nossa comunidade.